

A Floricultura Brasileira em Números

ATELENE NORMANN KÄMPF¹¹ Faculdade de Agronomia/UFRGS - Caixa Postal 776, 90001-970 Porto Alegre (RS)

Floricultura no Brasil não é uma atividade nova, há viveiros quase seculares. A novidade, entretanto, é a dinâmica nacional em torno dessa atividade, com a crescente exigência da profissionalização do setor, especialmente nos últimos cinco anos.

Desde 1993, reúnem-se, anualmente, em Joinville (SC), representantes dos diversos segmentos da floricultura (ensino, pesquisa, extensão, produção, atacado, varejo e paisagismo) a fim de organizar o setor, estabelecendo metas para os próximos anos. Em 1994, neste fórum de inquestionável contribuição para a definição da política nacional na floricultura, foi criado o Instituto Brasileiro de Floricultura (IBRAFLOR). O instituto é uma organização não governamental que centraliza os interesses da produção e comercialização de flores e plantas ornamentais, bem como dos paisagistas, educadores, extensionistas e pesquisadores do setor. O IBRAFLOR foi criado para fazer frente às necessidades e exigências do Mercosul. Nele, estão representadas as associações regionais e estaduais, além de proprietários individuais.

Conforme o Instituto de Economia Agrícola de São Paulo (ARRUDA et al., 1996), a floricultura brasileira movimentava anualmente um bilhão de dólares, com perspectiva de crescimento anual de 20% (Tabela 1).

O consumo de flores e plantas ornamentais faz parte da tradição brasileira. O mercado interno absorve praticamente toda a produção nacional e, desde 1996, começou a

importar rosas e outras flores de corte oriundas de outros países da América do Sul (Colômbia, Equador, Chile, Bolívia), assim como tulipas, antúrios e alstroemerias da Europa, a fim de suprir a elevada demanda nas datas especiais, como dia das mães, dia dos namorados e finados. Da produção nacional, apenas cerca de 2 a 5% destinam-se à exportação. Entre os produtos exportados, destacam-se flores tropicais, rosas, flores secas, gladiolos, bulbos, mudas de cordilines e dracenas, folhagens, sementes de palmeiras, mudas de orquídeas, de gerânios e de crisântemos. Recebem esses produtos, entre outros, os países do Mercosul, EUA, Holanda, Alemanha, Japão e Itália.

A floricultura brasileira concentra-se principalmente nas regiões Sul e Sudeste, que representam 18% do território nacional. Para conhecer melhor a situação do setor, em 1996 foi realizado um levantamento detalhado em campo, apoiado pelo Ministério da Agricultura e coordenado pelo IBRAFLOR. O trabalho foi desenvolvido paralelamente nos estados de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Espírito Santo, resul-

Tabela 1. Valores da produção nacional de flores e plantas ornamentais.

Ano	US\$ milhões
1992	120
1994	450
1996	800

tando na publicação dos cadastros estaduais dos produtores de flores e plantas ornamentais (AMIFLOR, 1996; APROESC, 1997 e UFRGS, 1996), bem como nos diagnósticos do setor (ARRUDA et al., 1996). A Figura 1 apresenta as áreas estudadas e a localização dos viveiros cadastrados. As condições climáticas dessas regiões estão sintetizadas na Tabela 2.

O levantamento baseou-se num trabalho prévio, de identificação dos municípios onde havia produção de flores e/ou plantas ornamentais. A seguir, cada propriedade foi visitada por monitores que, com os proprietários, preencheram formulários especificamente preparados para este estudo. O trabalho resultou no cadastramento total de 935 empresas, certamente um número inferior ao total real dos viveiros (Tabela 3).

O levantamento confirma São Paulo como o principal centro produtor do país. Avalia-se que haja cerca de 1500 viveiros no estado, responsáveis por 70% da produção nacional de flores e plantas ornamentais.

Num raio médio de 100 km de distância da capital, 391 produtores participaram do levantamento, informando que cultivam 1.183 ha com flores de corte (37% da área), plantas em vaso (19%), mudas para jardim (31%) e com outros produtos da floricultura (13%) como grama, flores secas e bulbos. Entre as flores de corte a céu aberto, destacam-se rosas e gladiolos; em estufas e telados são cultivados principalmente *Cymbidium*, crisântemos e *Gypsophila*, conhecida na região como "branquinha". Violeta-africana é a planta de vaso mais produzida, seguida por azaléia, crisântemo e samambaias cultivadas em ambiente protegido (telados e estufas). Entre as plantas para jardim, salientam-se árvores, geralmente palmeiras e forrações, predominantemente produzidas a céu aberto.

O clima de São Paulo favorece a produção a céu aberto: 59% da área cultivada pró-

xima à capital dispensa abrigos para as plantas (Tabela 4). Nessas condições, são produzidas especialmente flores de corte e mudas de plantas. Os telados, construções destinadas a promover sombreamento para plantas, são utilizados na sua maioria para as plantas de vaso. Entre os floricultores paulistas, as estufas são amplamente difundidas; na área investigada, há cerca de 1 ha de estufas para cada 2 ha de produção a céu aberto.

Conforme ARRUDA et al. (1996), a floricultura paulista gera, aproximadamente, 28,5 mil empregos: 45% na produção, 7% na distribuição, 44% no comércio e 4% na indústria de apoio. Na produção, a área média em cultivo nas propriedades em torno da capital é de 3 ha, empregando quatro pessoas por hectare. A mão-de-obra predominante é contratada, 86% como mensalistas e 4% como diaristas eventuais. A reduzida parcela de mão-de-obra familiar (10%) atesta o forte caráter empresarial da floricultura paulista.

Em Santa Catarina foram identificados 115 produtores, com 342 ha em floricultura. A área média em cultivo, como em São Paulo, é de 3 ha/propriedade. Conforme dados da APROESC (Associação dos Produtores de Plantas Ornamentais de Santa Catarina), o estado contribui com 8% da produção nacional. A floricultura catarinense (Tabela 5) está centrada principalmente na produção de mudas para jardim (65% da área cultivada), como árvores (coníferas e palmeiras), crótons, dracenas e azaléias. São reduzidas as áreas dedicadas às flores de corte (4%) e plantas envasadas (5,5%). A exemplo de São Paulo, a produção de grama para gramados esportivos e/ou ornamentais começa a crescer, com a produção atual estimada em 62 ha.

Dadas as condições favoráveis do clima da região, 93% da área catarinense em cultivo dispensa construções especiais para as plantas. O uso dos telados destina-se, especialmente, à produção de mudas de árvores ornamentais;

Tabela 2. Dados climáticos de regiões produtoras de flores e plantas ornamentais no Brasil. As amplitudes correspondem às variações nas regiões estudadas (fonte: BRASIL, 1969).

Características climáticas	Unidades	RS	SC	SP	MG	ES
Médias anuais						
Temperatura mínima	°C	10 a 16	10 a 18	12 a 18	14 a 18	18 a 20
Temperatura máxima	°C	22 a 26	24 a 26	24 a 30	24 a 30	28 a 30
Amplitude térmica	°C	9 a 14	9 a 12	6 a 14	10 a 14	6 a 10
Temp. mínima absoluta	°C	-6 a 6	-10 a 6	-2 a 8	-2 a 10	8 a 12
Temp. máxima absoluta	°C	34 a 36	36 a 40	34 a 42	34 a 40	32 a 36
Precipitação total anual	mm	1250 a 2000	1250 a 2250	1250 a 2220	1000 a 1750	1500 a 2000
Horas médias de sol brilhando	h	1600 a 2400	1400 a 2400	1800 a 2600	1600 a 2600	2400 a 2600
Umidade relativa do ar média	%	75 a 85	80 a 85	70 a 85	75 a 80	80 a 85
Dias de chuva por ano	dias	90 a 120	120 a 140	60 a 150	60 a 150	80 a 210

sob essa cobertura também produzem-se crisântemos e antúrios para corte, bem como bromélias e orquídeas em vasos. O uso de estufas na região catarinense é muito reduzido, restringindo-se ao cultivo de flores de corte

(crisântemos, cravos e gipsofilas) e à produção de mudas de orquídeas. O cultivo de orquídeas e bromélias, desde o início do século, contribuiu para tornar o Brasil conhecido no exterior por suas plantas exóticas.

Tabela 3. Número de propriedades cadastradas, extensão (ha) e geração de empregos nas áreas cultivadas com flores e folhagens para corte, com plantas em vasos, com produção de mudas diversas e com outros produtos da floricultura. H/ha = número médio de funcionários por hectare; familiar, mensalista, diarista = classificação dos tipos de mão-de-obra, em porcentagem.

Estados	Propriedades estudadas (nº)	Área cultivada (ha)	Área média	H/ha	Familiar (%)	Mensalista (%)	Diarista (%)
SP	391	1183	3,0	4,0	10	86	4
SC	115	342	3,0	-	-	-	-
RS	251	304	1,2	3,8	38	57	5
MG+ES	178	336	1,9	5,7	14	74	12

Tabela 4. Caracterização da produção de flores e plantas ornamentais na região de São Paulo (raio de 100 km da capital); extensão em hectares. Fonte: ARRUDA et al., 1996.

SP	Céu	Telado	Estufa	Total (ha)	%
Flores de corte	252,86	8,10	174,18	435,14	36,8
Plantas em vasos	1,70	115,46	111,59	228,75	19,3
Mudas	299,09	10,51	58,59	368,19	31,2
Outros	148,95	1,20	0,50	150,65	12,7
Total (ha)	702,60	135,27	344,86	1182,73	100,0
%	59,4	11,4	29,2	100,00	

Tabela 5. Caracterização da produção de flores e plantas ornamentais no Estado de Santa Catarina; extensão em hectares (fonte: APROESC/IBRAFLOR, 1997).

SC	Céu	Telado	Estufa	Total (ha)	%
Flores de corte	7,95	0,43	2,39	10,77	4,0
Plantas em vasos	10,74	3,48	0,61	14,83	5,5
Mudas	163,33	11,78	0,17	175,28	65,3
Outros	67,77	0	0	67,77	25,2
Total (ha)	249,79	15,69	3,17	268,65	100,0
%	93,0	5,8	1,2	100,00	

O levantamento de Minas Gerais engloba também dados do Espírito Santo (Tabela 6). Nessa região, a predominância é de flores e folhagens para corte, produzidas tanto a céu aberto (57% da área) como em estufas (42%). A céu aberto destacam-se rosas, hortênsias, gladiólos, *Gypsophila*, estrelizias e dracenas; em estufa são produzidas, especialmente, crisântemos, rosas, orquídeas, cravos e *Alstroemeria*, todas para corte das flores. O segmento de mudas de plantas para jardim ocupa o segundo lugar na região, com cerca de 14 % da área cultivada, basicamente a céu aberto. Nesse grupo enquadram-se as mudas de árvores ornamentais e para arborização urbana, palmeiras, coníferas (tuias e ciprestes) e forrações. Sob telado são produzidas mudas de azaléias, orquídeas e rosas. Plantas envasadas (*Ficus*, filodendros, catlíias, cimbídios e *Kalanchoe*) são produzidas nessa região predomina-

temente a céu aberto; em uma área total de aproximadamente 2 ha de estufas cultivam-se hortênsias, mini-rosas e violetas africanas, entre outras. No grupo dos demais produtos da floricultura destacam-se, a céu aberto, as produções de bulbos, de flores secas e de grama; sob telado e/ou estufa encontram-se algumas forrações.

O Rio Grande do Sul destaca-se no país como centro consumidor. Enquanto a média nacional de consumo está avaliada em US\$ 4/capita/ano, no Rio Grande do Sul a média se aproxima à da Argentina, com R\$ 25/capita/ano. O estado está apenas começando a se desenvolver como produtor. Nesse levantamento foram cadastrados 251 viveiros, totalizando a área de 304 ha cultivados com flores e plantas ornamentais (Tabela 7). A extensão média das áreas em cultivo no Rio Grande do Sul é a mais reduzida entre os estados estudados: 1,2 ha por propriedade.

Tabela 6. Caracterização da produção de flores e plantas ornamentais nos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo; extensão em hectares (fonte: AMIFLOR/IBRAFLOR, 1996).

MG+ES	Céu	Telado	Estufa	Total (ha)	%
Flores de corte	101,53	1,38	137,26	240,17	71,4
Plantas em vasos	22,36	0,27	1,82	24,45	7,3
Mudas	44,52	1,17	1,2	46,89	13,9
Outros	24,8	0,1	0,03	24,93	7,4
Total (ha)	193,21	2,92	140,31	336,44	100,0
%	57,4	0,9	41,7	100,0	

Tabela 7. Caracterização da produção de flores e plantas ornamentais no Rio Grande do Sul: extensão em hectares (fonte: UFRGS, 1996).

RS	Céu	Telado	Estufa	Total (ha)	%
Flores	72,84	0,21	12,02	91,24	30,0
Vaso	5,40	0,78	8,01	23,72	7,8
Mudas	99,82	2,54	10,79	100,97	33,2
Outras	91,72	0,00	0,00	88,20	29,0
Total	269,77	3,53	30,83	304,13	100,0
%	88,7	1,2	10,1	100,0	



Figura 1. Área estudada e localização dos viveiros cadastrados.

As atividades de produção empregam 3,7 pessoas/ha, sendo 38% referentes à mão-de-obra familiar. A relação entre proprietários e funcionários é de cerca de 1:2, bem inferior às encontradas em São Paulo (1:9) e em Minas Gerais mais Espírito Santo (1:6). A forte característica familiar das empresas gaúchas sugere: a) que as empresas, na média, ainda se encontram em fase inicial de crescimento e b) que a distribuição de renda é mais homogênea nesse segmento do setor, reduzindo as diferenças entre proprietários e assalariados.

O volume produzido no Rio Grande do Sul ainda é muito baixo (10% do total nacional), mas a tendência de desenvolvimento da produção acompanha a média nacional, estimada em 20% ao ano. Apenas 4% dos produtores dedicam-se também à exportação. Entre os produtos exportados destacam-se rosas, para a Alemanha, mudas de crisântemo e gerânio, para a Itália, e de orquídeas, para o Japão.

LITERATURA CITADA

- AMIFLOR. **Cadastro da Floricultura Mineira e Capixaba. Associação Mineira de Floricultura.** Belo Horizonte. 1996, 153 p.
- APROESC (Joinville, SC). **Cadastro dos produtores de flores e plantas ornamentais de Santa Catarina.** Joinville, 1997. 36 p.
- ARRUDA, S.T.; OLIVETTE, M.P.A.; CASTRO, C.E.F. Diagnóstico da floricultura do Estado de São Paulo. **Rev. Bras. Hortic. Ornamental**, Campinas, v.2, n.2, p.1-18, 1996.
- BRASIL. Ministério da Agricultura. **Atlas Climatológico do Brasil.** ECEPLAN, Escritório de Meteorologia. Rio de Janeiro. 1969.
- UFRGS (Porto Alegre, RS). **Cadastro de produtores de flores e plantas ornamentais do Rio Grande do Sul.** Núcleo de Floricultura/UFRGS, Porto Alegre. 1996. 101 p.